



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

RACHEL DE QUEIROZ E AUTORIA FEMININA LEITURA LITERÁRIA E LEITURA CULTURAL

Jeanne Cristina Barbosa Paganucci¹

Orientadora: Zilda Oliveira Freitas*

RESUMO: *Trata-se de uma leitura literária e cultural acerca da obra Memorial de Maria Moura de Rachel de Queiroz. A questão de autoria feminina a partir do advento do modernismo é um dos pontos principais do texto. O trabalho é relevante porque apresenta o romance na perspectiva modernista, regionalista e revela a situação da escritura no modernismo. A investigação objetiva analisar a obra de Rachel de Queiroz e relacionar o contexto sócio-histórico-cultural do modernismo à pós-modernidade. A metodologia parte da conceituação do que é modernismo; outra, da análise a respeito do romance; discute os estudos culturais e por fim tece considerações acerca da autoria feminina. O texto discute as ideias de Abaurre e Ponatara (2005), Bosi (1994), Freitas (2002), Guerellus (2008), Moisés (1996). A pesquisa é significativa porque discute a autoria feminina no contexto do modernismo e fortalece os estudos acerca da literatura e sua discussão cultural.*

Palavras-chave: Regionalismo. Rachel de Queiroz e Autoria feminina. Literatura brasileira.

*“Não há qualquer marca na parede para
medir a altura exata das mulheres”*

Virginia
Woolf

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

¹ Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB campus Jequié). Atuou como pesquisadora bolsista do Projeto de Extensão Papo Lírico (agosto de 2011 à março de 2012); atualmente realiza pesquisa em Literatura Portuguesa vinculada ao Projeto Palavras de Mulher; É bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação á Docência - PIBID/UESB, Subprojeto: licenciaturas da UESB e a interdisciplinaridade em educação do campo - as possibilidades de organização do trabalho pedagógico em educação do campo na escola de Itajurú (Jequié-Ba).

*Professora Mestra da área de Literatura Portuguesa, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *Campus* Jequié. Endereço eletrônico: professorazildafreitas@yahoo.com.br

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

INTRODUÇÃO

A proposta do artigo é discutir a autoria feminina no Brasil a partir do modernismo, em destaque Rachel de Queiroz em *Memorial de Maria Moura* e sua repercussão no registro da mulher valente, independente e livre para decidir os rumos de sua própria vida, a considerar neste aspecto a personagem Maria Moura que se encontra num recorte temporal do século XIX, diferente das personagens do século XX e XXI. Por outro lado, o texto propõe um olhar acerca da crítica literária, da postura crítica frente ao cânone literário, do advento dos estudos culturais e principalmente, da inserção de variedades no que tange à produção artístico literária em que abrange não só o clássico, mas a produção moderna e pós-moderna, trabalhando a visão de diversos teóricos a respeito dessa problemática literária vivenciada na contemporaneidade.

1. O Modernismo no contexto histórico e cultural

De acordo Abaurre (2005) o Modernismo brasileiro propôs novos caminhos estéticos sob forma de manifestos para a literatura, cujas ideias conciliavam a cultura nativa e a cultura intelectual. Resgatar manifestações culturais, utilizar o recurso da língua sem preconceito e a proposta de ver com olhos livres é uma marca do modernismo no Brasil. Mário de Andrade comanda campanha pelo uso da língua brasileira nos textos literários, vale lembrar que essa é uma discussão que ainda faz parte das inquietações linguísticas até hoje. A autora observa que Oswald de Andrade reúne características que marcaram o período, escreveu crítica, poesia, romance, teatro, deixou registrado sua capacidade de criar polêmicas, de quebrar barreiras, transgredir o que era imposto. Na prosa, Oswald trouxe uma grande contribuição para a literatura brasileira, com uma estrutura inovadora, *Memórias sentimentais de João Miramar e Serafim Ponte Grande*. O modernismo foi marcado por inúmeras vozes de vários escritores, pintores (as) e representantes da euforia com o novo, com o rompimento do que antes já não servia, modificando o Brasil e tratando-o por Brasil brasileiro. Neste contexto modernista, os caminhos inovadores seduzem diversos autores e o interesse pelo comum reflete na produção artística brasileira. A consciência do artista trata o comum, os objetos, como algo que pode ser literário,

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

seja reflexão sobre o subúrbio, ensinamentos, enfim.

Somos hoje contemporâneos de uma realidade econômica, social, política e cultural que se estruturou depois de 1930. A afirmação não quer absolutamente subestimar o papel relevante da Semana e do período fecundo que se lhe seguiu:

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

há um estilo de pensar e de escrever anterior e um outro posterior a Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira. Bosi, 1994:383

Desta forma, na década de 30 o Brasil testemunhou a explosão do romance cujas temáticas repercutiam acerca da denúncia social como instrumento para apontar e questionar a realidade, principalmente a região nordeste, a qual condena muitos brasileiros à fome, miséria e seca. Assim, surge o Regionalismo, cuja ficção dominou a segunda geração modernista brasileira. “Reconhecer o novo sistema cultural posterior a 30 não resulta em cortar as linhas que articulam a sua literatura com o Modernismo. Significa apenas ver novas configurações históricas a exigirem novas experiências artísticas.”² Neste contexto, o ano de 1930 acelerou as tendências contemporâneas, e, por isso, as transformações culturais, políticas e sociais que são heranças dos fatos ocorridos na década de 30. Mas, convém ressaltar que o Modernismo não foi esquecido nesta época, apenas partiu para outras tendências, entre elas, o regionalismo.

Entre 1930 e 1945/50, grosso modo, o panorama literário apresentava, em primeiro plano, a *ficção regionalista*, o *ensaísmo social* e o *aprofundamento da lírica moderna* no seu ritmo oscilante entre o fechamento e a abertura do eu à sociedade e à natureza (Drummond, Murilo, Jorge de Lima, Vinícius, Shmidt, Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Emílio Moura...)³

Abaurre (2005) entende que Graciliano Ramos aparece no Regionalismo como o principal intérprete que trata da região da seca, o nordeste brasileiro. Assim, a era do romance brasileiro explode entre os anos 1930 e 1945 e se anuncia em 1928 com a publicação de *A bagaceira* do paraibano José Américo de Almeida. A ficção nacional neste período aponta a realidade do indivíduo no espaço em que vive, o qual se torna preso. Dessa forma, analisa-se o comportamento dos indivíduos no romance, traçando o perfil social e psicológico dos habitantes de determinadas regiões brasileiras. Bosi afirma que “Os decênios de 30 e de 40 serão lembrados como “a era do romance brasileiro”⁴. O projeto literário do romance de 1930 tinha por objetivo revelar a realidade socioeconômica brasileira, o subdesenvolvimento, cujas raízes influenciavam a vida dos seres humanos. Abaurre (2005) ressalta que o espaço geográfico e o contexto socioeconômico é parte do enredo das obras do regionalismo em que seus autores narravam o

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

que conheciam, ou seja, baseado em fatos reais. Neste contexto, o escritor Érico Veríssimo foi exceção, pois estava voltado para o homem e a sociedade na contextualização a partir da

² id. 1994:385

³ ibid, 1994:386

⁴ Id. ibid. 1994: 388

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

amplitude dos pampas gaúchos. O percurso da ficção brasileira da década de 30 se deslocou do Rio de Janeiro e São Paulo em direção a Maceió, capital de Alagoas, onde residiam José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos. A linguagem dos romances regionalistas buscava trazer para as narrativas a “cor local” em que as características mais importantes eram as informações sobre espaços, costumes, comportamentos, permitindo ao leitor reconhecer os aspectos típicos, em que caracterizavam uma determinada região. Rachel de Queiroz lançou um olhar feminino sobre o sertão, surgiu no Regionalismo como a única mulher a figurar entre escritores da geração de 1930, publicou o romance *O quinze* nesta época, o qual foi escrito quando tinha apenas 18 anos e tornou-se uma escritora que ajudou a firmar a tradição do romance regionalista do ciclo nordestino da literatura brasileira. Rachel foi militante comunista, e, permaneceu presa por três meses em 1937, perseguida pela ditadura. A autora teve seus livros incinerados na Bahia por serem avaliados como revolucionários.

2. Rachel de Queiroz, linguagens e autoria

A linguagem e a estrutura é uma característica peculiar da obra de Rachel de Queiroz, em que reproduz a voz da personagem como sua fala espontânea, natural, tornando-a mais próxima possível da realidade.⁵ Em *Memorial de Maria Moura* o nordeste é um elo em que Rachel expressa sua indignação a respeito da violência contra a mulher, das disputas familiares e políticas por terra e poder, a voz sufocada do nordestino que se distancia do restante do país no aspecto socioeconômico. O diálogo com a terra natal é uma realidade em Rachel e sua maneira de representar a mulher é diferenciada de outros escritores regionalistas, visto que observa a ligação existente entre a mulher e a terra, ou seja, o poder e dinheiro na vida da mulher, a presença do feminino no mundo dos homens.

O memorial escrito na pós-modernidade significa (re)memorar o passado⁶ para não praticar as mesmas ações, os mesmos erros no presente. Assim, esquecer é omitir, sendo que o *Memorial de Maria Moura* faz emergir um passado delituoso, uma exagerada violência em nome de herança de terras, dá a entender que lembrar e esquecer faz parte da vida, processo natural. O

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Campus Soane Nazaré de Andrade

21 a 23 de Maio de 2012

estudo da memória faz parte da obra racheliana, denotando sua capacidade de revelar e resgatar em forma de memorial a vida de indivíduos nordestinos, da memória de um povo. As confissões do Beato Romano surgem no romance como tradição religiosa da prática de esquecer/apagar a

⁵ Guerellus (2008)

⁶ Abreu (2011)

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

memória para seguir em frente, além de deixar evidente a imposição religiosa e o poder constituído. Neste espaço, as vozes aparecem no decorrer da narrativa como forma de evidenciar a pluralidade presente nos recortes do memorial, ou seja, as diversas vozes dos personagens rachelianos. A morte e a memória estão presentes na narrativa, repercutindo o apagamento das vozes no contexto histórico brasileiro, destacando outras vozes, do poder, da injustiça, da política. A determinação é uma qualidade de Maria Moura, o que denota sua decisão de usar as roupas herdadas do pai, que aponta a mudança na vida da personagem de forma a aparentar maior liberdade e resolução dos problemas e situações de conflito. Rachel resgata a literatura do cangaço em Maria Moura, como exemplo de Maria Bonita, trabalha a questão da mulher no cangaço, o papel que esta exerce e a força da personagem ao destoar do perfil da mulher submissa e pacata. O resgate da brasilidade acontece no decorrer do romance e revela o regionalismo principalmente na minissérie produzida pela rede Globo *Memorial de Maria Moura*, em que a personagem aparece como uma heroína, e, comparada com uma epopéia, o romance torna-se uma representação da realidade brasileira, vivida por homens e mulheres do nordeste brasileiro. O cangaço, o messianismo e as tradições populares são representações do Brasil no Memorial, de forma a contextualizar os personagens como representantes reais das memórias de um povo, ou seja, o povo brasileiro. A temática regionalista inseriu Rachel de Queiroz no mundo das letras.

A apropriação da terra no contexto regionalista sugere a (re) tomada de sua própria existência, em que Maria Moura marca território, e, por sua vez, Rachel de Queiroz insere na literatura brasileira a leitura de uma temática regionalista, abordando não só a mulher no contexto geopolítico-social, mas também a sua realidade como ser político e atuante. O espaço geográfico é muito importante na obra porque identificam os indivíduos da região, a pronúncia das palavras, dialeto regional, a culinária, as roupas, o modo de viver e agir. Neste espaço, a conquista da Serra dos Padres é o que movimenta Maria Moura, o que faz com que sua determinação seja processual em direção ao que almeja, contando com a proteção daqueles que a seguiam, como um bando de cangaceiros. A Serra dos Padres é uma parte de Maria Moura, lembrando que as heranças deixadas por pais e avós sempre movimentam os sonhos, dessa

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

forma parte da ficção para explicar a realidade, e, neste contexto o sonho é vivenciado por uma mulher e sua forma de apossar da terra é antes de qualquer coisa, apropriar-se de si mesmo, renunciando ao casamento, a maternidade, à vivência feminina que a sociedade impõe.

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

O romance reflete momentos polifônicos⁷, em que a voz da Moura é o eixo norteador de toda a obra, mas enfatiza capítulos em que seus personagens representam outras vozes, a voz do Beato Romano (padre), da Marialva (prima da Moura) que são as vozes mais destacadas. O Beato Romano surge como um eco do contexto religioso, da prática do perdão ou condenação em oposição ao poder, à negligência e o favorecimento do dinheiro, da política em que a voz proveniente deste contexto se cala. Marialva representa a mulher presa aos interesses familiares, e o seu olhar, a sua retomada de voz diante da vida atesta a característica da mulher racheliana, que geralmente se liberta das amarras da vida. Os personagens Maria Moura, Beato Romano e Marialva dão voz a imagem dos brasileiros no contexto regionalista, em que conferem personalidade e ação no decorrer da narrativa.

O movimento que acontece na narrativa⁸ é uma forma de escrever o memorial, em que todos os personagens participam ativamente da história, porque estabelecem contato com a realidade em que vivem. A influência literária na vida do personagem é marcada na narrativa, em que a Moura não havia estudado muito, mas sabia ler e lembrava sempre um livro que o pai havia lhe presenteado, referia-se ao livro como um bem precioso. O Beato Romano utiliza o recurso da leitura e escrita para ganhar dinheiro, escrever cartas e fugir do seu próprio infortúnio. A representação de Maria Moura nos anos 90 e num contexto regionalista, destacando a solidão da mulher, a masculinização e a dominação da mulher da maneira que Rachel de Queiroz escreveu constituiu uma memória da mulher em contextos opostos ao que é vivenciado na contemporaneidade, ou seja, a conquista da mulher por seu espaço, sua emancipação mais bem compreendida e apoiada, uma mulher que movimenta um espaço diferente do contexto Maria Moura.

Peterson⁹ entende que o romance regionalista pode destaca-se na tendência de tensão crítica, em que o herói, neste caso a heroína, resiste às tensões que sofre por conta do meio social, da política e da região em que vive, combatendo tudo o que seja imposto com qual não aceita. A tensão crítica é uma particularidade da obra racheliana, em que discute os conflitos sociais, a perturbação pela qual vive a personagem órfã, Maria Moura, partindo de uma postura inocente e comum para a vida masculinizada e solitária de quem assume o comando. O foco da

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

literatura regionalista de Rachel de Queiroz é a terra e as mulheres que se encontram nesta

⁷ Guerellus (2008)

⁸ Id. (2008, p.54)

⁹ MARTINS, Peterson. *O hiper-regionalismo na universalização do sertão: Uma nova divisão para a Literatura Regionalista*. In.: Revista Literatura conhecimento Prático. São Paulo: Escala Educacional. Edição nº 32, ISSN 1984-3674.

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

terra¹⁰, como um movimento que acontece de forma cíclica, ou seja, suas construções direcionam-se ao espaço da mulher, que, acontece para além de sua casa, de seu lugar, penetrando a identidade e ideologias que cercam e aprisionam a mulher em afazeres domésticos. Desta forma, a visão de Rachel alarga horizontes que trabalham a ideia do seco, da região, de suas metáforas.

3. Literatura, autoria feminina e estudos culturais

Em se tratando de autoria feminina e literatura, até a década de 1960 o termo Literatura se aplicava somente às obras consagradas e idealizadas pelos críticos e historiadores, incluídas nos cânones. Por sua vez, a cultura abarcava um conceito monopolítico, pois compreendia realizações superiores do espírito. Neste sentido, a sociedade era dividida em homens cultos e incultos, ou seja, os que tinham habilidade linguística na lecto-escrita, diferentes daqueles que não conseguiam assimilar a leitura volumosa dos cultos. Discutir acerca da Crítica literária e dos Estudos Culturais requer uma visão multidimensional, em que existe a necessidade de observarmos que os tempos pós-modernos acentuam não só a redefinição do que seja cultura, mas também a transformação do cidadão culto, do seu Status, sobretudo de sua condição social e política. Há que se discutir então os Estudos culturais e a literatura, mas voltar o olhar para a Crítica literária como elemento que possibilita uma análise e uma crítica, voltada para a massa e mais que isso para a sociedade como centro de uma promoção para a mudança.

Falar de crítica literária, hoje, soa como antiquado. “Crítica” não é mais uma palavra muito usada pelos teóricos da literatura. A crítica foi uma atividade muito exercida e muito respeitada nos tempos modernos, você ainda deve estar lembrado. Hoje, em tempos pós-modernos, ela anda um pouco anêmica, reduzida ao rápido resenhismo jornalístico, necessário, mas não suficiente.
(Moisés, 1996:1)

Justamente por isso o questionamento é relevante. Então, porque os teóricos estão adotando nova postura diante da Literatura? Perrone defende a permanência da Crítica literária, do cânone, por acreditar que há um lugar para a crítica e que esta não está perdida ou defasada.

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Campus Soane Nazaré de Andrade

21 a 23 de Maio de 2012

Essa convicção de Leyla Perrone indica uma postura crítica diante da estética, da autoria, do estilo textual e principalmente da arte com a qual a crítica se debruça. Por outro lado, a pergunta que introduz o artigo de Leyla “que fim levou a crítica literária?” responde o questionamento de que não houve um fim a respeito da crítica literária, visto que inúmeras revistas de literatura e

¹⁰ (Alves, 2009:7)

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

arte discutem a autoria, a arte, o cinema, enfim, o mundo a partir do registro literário. Culler (1999) discute a Literatura e os Estudos Culturais em seu ponto extremo: as questões da literatura e do cânone literário observado pelo viés dos estudos inovadores, até porque a literatura não é inatingível. Na perspectiva dos Estudos Culturais o autor afirma que “teoria é teoria e estudos culturais é a prática”¹¹. Essa afirmativa vem comprovar que os estudos culturais dependem da teoria sobre sentido, identidade e representação para questionar a realidade e compreender o funcionamento da cultura. A interferência dos Estudos culturais na literatura é relevante no sentido de refletir acerca do papel da mulher, dos fatos sociais, da filosofia e de tudo o que acontece, desde cigarros a Seriais Killers, o que aponta o estudo das atividades humanas, da sociedade, da cultura e da massa. Assim, estudos culturais exigem uma óptica multidimensional porque requer a psicanálise, a psicologia, a sociologia, a antropologia, ou seja, abrange as ciências e se inclina à realidade da cultura em sua culminância maior, dar voz aos marginalizados.

As extremidades que levaram Perrone a refletir em 1996 acerca da Crítica Literária e temer os Estudos Culturais não são impertinentes, visto que a pesquisadora observou os fins a que esses Estudos destinavam-se e o fim da Crítica, uma preocupação peculiar ao seu trabalho e sua postura naquele momento constrangedora. Por outro lado, o texto da autora dialoga com os Estudos culturais, pois dá embasamento para que a partir da análise da Crítica Literária seja reformulado o conceito, as acepções e a inconstância da arte/literatura e da significação da cultura no contexto histórico-social. Por isso, cabe aos estudos literários trabalhar a junção crítica e cultural em sua transitoriedade, pois os termos mudam a língua muda e nós somos dinâmicos, nos transformamos e evoluímos também. Ressocializar a literatura é um dos objetivos dos Estudos Culturais, visto que é interdisciplinar, porque dialoga com as outras ciências e acredita que essa postura alarga possibilidades, bem como caminha para a funcionalidade. Desta forma, a investigação é uma característica dos Estudos culturais, pois atende ao imperativo maior que é atribuir valor ao que conhece, principalmente trabalhar a inclusão e a visão esclarecedora no sentido de questionar em que a arte, a literatura, a filosofia, a sociologia, a psicologia, entre

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

outras ciências podem ser consideradas e até o que não podem ser. Assim, construir, desconstruir e mexer no imexível é o que os Estudos culturais estão a tecer, nesta crise em que a Crítica se encontra e justamente onde os Estudos passam a valorizar a ressocialização da cultura/literatura/conhecimento na sociedade como um todo. O Homem é a discussão dos Estudos Culturais, visto que a dimensão da pesquisa em torno desses estudos

¹¹ id, 1999:48

observa em torno do homem e da vida, a sociedade e a filosofia que destaca o essencial e o irreconhecível, a angústia e a fama, o gênero e a tolice, ou seja, estuda tudo e não define objeto exclusivo de pesquisa, antes disso amplia horizontes.

Em *A teoria em Crise*, Eneida Maria de Souza (1991: 19) afirma:

O debate que hoje começa a movimentar a comunidade universitária se baseia na antiga discussão sobre os efeitos que determinadas teorias estrangeiras provocam no campo da crítica literária, considerando-se esta como um dos discursos que ultimamente tem se destacado no interior das ciências Humanas. (...) Exigindo-se, na realidade, a revisão de antigos preconceitos relativos à separação entre cultura erudita, popular e de massa.

Assim, a autora direciona a questão da crítica literária para além do campo acadêmico, pois reflete a necessidade dos intelectuais de se posicionarem não só na universidade, mas também em grupos interdisciplinares, em revistas, teses, livros, jornais, ou seja, manifestar-se incluindo e participando dos meios de comunicação de massa.

O que está em jogo, entre as tendências culturais e literárias, não se restringe apenas à escolha de obras que participem ou não do cânone literário, mas se relaciona ao caráter regulador da crítica cultural, ao considerar elitista a preferência do estudioso por escritores consagrados e tradicionalmente aceitos pela comunidade acadêmica. A reação desses autores denuncia a intolerância como atitude pautada pelos mesmos erros cometidos pela opinião elitista diante da literatura, reservando a crítica o direito de escolher os autores “brancos e ocidentais” como objeto de culto e de análise. (Souza, 1991:22)

Neste aspecto, podemos observar que a intolerância em relação à produção literária é recíproca, pois, se por um lado, Leyla Perrone preocupa-se com a questão proveniente do

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

advento dos estudos culturais, por outro, Eneida Souza apresenta uma reação aos estudos e produção canônica. Visto pelo prisma de quem deseja estudar a literatura, independente de que seja clássica ou não, este é um problema a ser pensado para que a literatura e a crítica literária e os estudos culturais não se tornem um entrave, sendo que o objeto de estudo literário não poderia existir sem a crítica que não apenas avalia, mas torna possível uma discussão. Neste aspecto, Rachel de Queiroz surge no cenário da Literatura Brasileira do contexto social de 30, seria então possível apagar a memória da escritora simplesmente porque sua produção é de cunho regionalista? Então, as questões acerca da crítica podem traduzir as inúmeras dúvidas que não

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

temos coragem de expressar, pelo fato de que apenas o vocábulo crítica literária já nos faz gelar.
Em *Crítica genética* Cecília Almeida Salles (1992: 82-83) observa:

O escritor ocupa lugar de destaque como criador e artesão que vamos conhecendo pelo itinerário de seu caminho criativo. Os cadernos de anotações, as rasuras e as substituições nos colocam muito próximos do escritor e assinalam seu contato íntimo e contínuo com o texto, não permitindo mais desconhecer esse homem. Vemos com nitidez a mão que escreve, hesita, rasura, escolhe, rabisca, recomeça...No entanto, está claro que não é este homem que o geneticista procura mas a escritura por ele desenvolvida.

Neste aspecto, entende-se que o autor está atuante em sua obra, vive e ocupa um lugar que não o exclui de seu texto e essa participação do autor, neste caso Rachel de Queiroz, é o que entendemos ser a autoria feminina concretizada em sua escritura. Philippe Willemart apud Salles (1992:82) afirma que “o autor não morreu. Com esses estudos, ele volta, inevitavelmente, a viver”. De um extremo a outro, retornaremos a discutir acerca da literatura de autoria feminina, a qual também devemos destacar que sofreu perseguição por conta da invisibilidade sociocultural da mulher no contexto histórico e literário. Neste aspecto, não só a visão acerca dos estudos culturais e análise da crítica genética ajudam a esclarecer questões da autoria feminina, mas também os estudos acerca dessa autoria.

A literatura não é para as mulheres uma simples transgressão das leis que lhes proibiam o acesso à criação artística. Foi, muito mais do que isso, um território liberado, clandestino. Saída secreta da clausura da linguagem e de um pensamento masculino que as pensava e descrevia *in absentia*. Apenas desabafo? Não, a literatura feminina é mais um registro escrito do inconformismo da mulher àquelas leis. É, como um palimpsesto, a reescritura da produção literária masculina, mas sob o ponto de vista feminino. Afastando-se da identidade pré-fabricada no espelho do homem é que melhor a mulher se vê. Para além do mero mimetismo masculino, a mulher busca a diferença como identidade. Por isso, não se deve definir o feminino, a partir do modelo masculino. Freitas, 2002:119-120

Podemos refletir a respeito da autoria feminina a partir do movimento modernista, principalmente a presença de Rachel de Queiroz que, neste aspecto, surgiu como ícone na literatura regionalista, trazendo à tona questões sociais e uma visão acerca do nordeste, da mulher e do homem neste contexto, assumiu uma postura crítica e imbatível no que diz respeito à

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

posição do que é escrever e poder expor a realidade com a qual estava inserida. Rachel buscou

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

essa identidade feminina, percorreu o caminho da autoria assumidamente feminina em contexto vivenciado apenas por autores masculinos. Nesta perspectiva, a problemática dos estudos culturais reflete a mulher e a autoria como algo não só possível, mas também de qualidade.

Considerações finais

A pesquisa é relevante no sentido de questionar a realidade da mulher e de sua escrita, sua autoria. Além disso, aponta a produção qualitativa para a literatura, que reflete a linguagem, o contexto sócio-cultural e a presença da mulher em e por literatura, numa visão instigante de como é importante a presença do olhar e da autoria que não seja simplesmente o ângulo estritamente masculino. O texto contribui para o fortalecimento e propagação da atuação feminina na sociedade como campo aberto para o questionamento, a contribuição, o prazer, o renovar, a produção literária e a pesquisa, indicativo de dinamismo feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABAURRE, Maria Luiza M; PONTARA, Marcela N. *Literatura brasileira: tempos, leitores e leituras, volume único*. — São Paulo: Moderna, 2005.
- BARBOSA, Adriana Maria de Abreu. *Prática de leitura e escrita em Língua Portuguesa*. — Jundiaí, Paco Editorial: 2011.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. — 36^a. Ed. — São Paulo: Editora Cultrix, 1994.
- BUENO, Silveira. *Minidicionário: inglês-português, português-inglês*. — São Paulo: FTD, 2007.
- CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma produção*. São Paulo: Beca Produções Ltda, 1999.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. — 27. Ed. — Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- MACHADO, Anna Rachel. et al. *Planejar gêneros acadêmicos*. — São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- MARQUES, Amadeu; DRAPER, David. *Dicionário Inglês Português, Português Inglês*. — 22.^a. Ed. — São Paulo: Editora Ática.
- MARTINS, Peterson. *O hiper-regionalismo na universalização do sertão: Uma nova divisão para a*

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

Literatura Regionalista.In.: Revista Literatura conhecimento Prático. São Paulo: Escala Educacional. Edição nº 32, ISSN 1984-3674.

MOISÉS, Leyla Perrone. *Que fim levou a crítica literária?* Folha de S. Paulo, 25/08/1996 – Caderno Mais.

SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: uma introdução, fundamentos dos estudos genéticos sobre os manuscritos literários.* — São Paulo: EDUC, 1992.

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

SOUZA, Eneida Maria. A teoria em Crise. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada. — N.1 (1991) — Rio de Janeiro: Abralic, 1991 — V.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS:

ABREU, Laile Ribeiro. *Memorial de Maria Moura: percurso crítico e representação da memória*. Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte: 2011. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ECAP-8H5PXP/1/dissertacaolaile_10_junho_2011.pdf Acesso em: 20/02/2012

ALVES, Roberta Hernandez. *As metáforas do seco — Regionalismo e gênero na obra de Rachel de Queiroz*. Disponível em: <http://www.apropucsp.org.br/apropuc/index.php/revista-cultura-critica/41-edicao-no08/552-as-metaphoras-do-seco--regionalismo-e-genero-na-obra-de-rachel-de-queiroz>. Acesso em: 25/02/2012.

FREITAS, Zilda de Oliveira. *A Literatura de Autoria Feminina*. In: Imagens da mulher na cultura contemporânea. Organizado por Sílvia Lúcia Ferreira e Enilda Rosendo do Nascimento. — Salvador: NEIM/UFBA, 2002. 268p. — (Coleções Baianas; 7). Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/imagens.pdf> Acesso em: 08/03/2012.

GUERELLUS, Natália de Santanna. *Vae Solis. Gênero Cultura e Sociedade nos romances de Rachel de Queiroz*. Curitiba, Junho 2008. UFPR. Disponível em: <http://www.generos.ufpr.br/files/9485-monografia-natalia.pdf>. Acesso em: 09/01/2012.